

A NECESSIDADE DE ACONSELHAMENTO PASTORAL NO RELACIONAMENTO CONJUGAL

Antonia Erismar da Silva¹

Fábio Magno de Castro Araújo²

RESUMO

O casamento e a família são instituições divinas, entretanto, devido ao pecado, são constituídas de seres imperfeitos, e por este motivo podem ser atingidas por conflitos. A partir das observações realizadas nos âmbitos familiar e conjugal, e visando a elucidação de como atritos dentro desses meios podem ser resolvidos e até mesmo evitados através de aconselhamentos pastorais, este trabalho foi construído com base central na palavra de Deus, a Bíblia, bem como em livros e artigos que tratam do tema aqui referido. Possui como objetivo identificar as adversidades enfrentadas no relacionamento conjugal, e as razões substanciais de divergências na convivência dos casais. Com este trabalho, espera-se promover a reflexão entre membros de uma família e também de uma relação conjugal, quanto a capacidade de lidar com situações conflitantes por meio de aconselhamentos pastorais.

Palavras-chave: casamento; família; aconselhamento pastoral.

ABSTRAT

Marriage and family are divine, due to divine institutions, they are constituted by imperfect beings and for this reason they can be affected by conflicts. From the observations presented in terms of family scope and conjugation, and with the work through the elucidation of these means can be resolved and even the designation of the Bible, well built on a central basis as, this work was built on a central basis. in books and articles dealing with the topic referred to here. Its objective is to identify how adversities faced in the marital relationship, and as substantial reasons for differences in the coexistence of peers. With this work, it is expected to promote reflection among the members of a family and also of a marital relationship, regarding the ability to deal with conflicting situations through pastoral counseling.

Keywords: marriage; family; pastoral counseling.

INTRODUÇÃO

Ao se analisar a instituição casamento, temos que entender os desafios que permeiam essas relações, desse modo, este artigo visa responder as seguintes indagações: Quais são os maiores desafios, e as principais causas de conflitos na convivência conjugal?

Esta pesquisa possui como objetivo geral identificar as adversidades enfrentadas no relacionamento conjugal, e as razões substanciais de divergências na convivência dos casais. Como objetivos específicos: identificar os obstáculos presentes no relacionamento conjugal dos casais, bem como as causas basilares de discussões na convivência familiar; e investigar os aspectos elementares que impulsionam os casais a efetuarem suas incumbências matrimoniais, preservando o direito do cônjuge e construindo um casamento de base sólida e inabalável através dos exemplos de Cristo.

De modo geral, as questões aqui apresentadas buscam compreender os meandros de um relacionamento conjugal, e como ele possibilita maiores e melhores resultados dentro de um contexto chamado família. Família esta capaz de gerar uma sinergia saudável que possibilita uma relação interna transparente e acessível, transpondo barreiras de forma harmônica, servindo de exemplo para uma sociedade que não mais acredita em um matrimônio duradouro.

A elaboração deste trabalho foi impulsionada mediante a ponderação do aconselhamento pastoral dos conflitos conjugais dentro de lares, e dificuldades a serem consideradas para o aprimoramento das relações conjugais. A pesquisa está estruturada em quatro capítulos, sendo o primeiro esta introdução; o segundo, uma abordagem referente a visão de Deus para o casamento; o terceiro, reflexão sobre o diálogo e comunicação do casal, enquanto maneira para evitar os conflitos conjugais; e o quarto, trata da importância de um acompanhamento de casais, enfatizando a necessidade de um aconselhamento pastoral no auxílio da reparação e resolução de dissensões familiares.

2. Projeto de Deus: Comunhão do casal

Teologicamente, no início do Antigo Testamento, Deus estabeleceu uma ideia original de família, um projeto nascido em Seu coração. Ali formou-se a primeira

família, tido do modelo padrão destinado a reger toda a terra, partindo da união e comunhão do homem e da mulher, tendo em comum à semelhança do Pai, com corações dispostos a cumprirem e obedecerem à voz de comando de seu Criador. Entretanto, no decorrer do tempo, este projeto tem sido transformado.

A família tradicional cede lugar a diversas novas configurações familiares que se tornam mais visíveis, exigindo legitimidade e maior aceitação por parte da sociedade. A família atual pode ser nuclear, monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, gerada artificialmente, entre tantas possibilidades. (RIOS; GOMES, 2009, p. 1).

No transcurso do livro de Gênesis, Deus, ao criar o homem e a mulher, disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.” (Gn 1,26). Retratando o amor e a comunhão conjugal, proferiu: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda.”(Gn 2,18), e os abençoou. Deus projetou a união de dois seres viventes, homem e mulher, para constituírem uma família, motiva-los a crescerem mutuamente e povoarem a terra, dando-lhes funções diversificadas: o homem como o líder da família e a mulher na função de auxiliadora.

Nasce, assim, a responsabilidade de ambos para exercerem com excelência seu papel no matrimônio, compreendendo que suas necessidades físicas e psicológicas de amor, companheirismo e sexo, precisam ser supridas diariamente, pois é o combustível do casal. Tais necessidades supridas trarão realizações e contribuirão no desenvolvimento de aptidões do casal, cumprindo, deste modo, os papéis estabelecidos por Deus, gerando filhos e proporcionando-lhes, através dessa comunhão, a oportunidade de aprenderem a amar e a relacionar-se com outras pessoas.

Para Nascimento (1997), o vínculo conjugal congrega uma multiplicidade de papéis, tanto para o homem quanto para a mulher. Entende-se, dessa maneira, o alicerçamento de relações saudáveis e criativas, que possibilitam um lar harmônico, sem conflitos ou inversão de papéis, mesmo com as mudanças que surgirão.

2.1 Harmonia original

Partindo da comunhão basilar da família original descrita nas escrituras sagradas: união do homem com a mulher tornando-se uma só carne, existem alguns aspectos que contribuem para a formação e manutenção dos relacionamentos conjugais, no qual o amor é o principal fator que desencadeia outros, como o diálogo, a

comunicação, a confiança, lealdade, compatibilidade conjugal, fidelidade, dentre outros. A partir desses fatores nascem oportunidades que fortalecem e conduzem a relação.

Segundo Malafaia (2012, p 23), “O amor é a essência de Deus e a base de todos os relacionamentos”. Assim, há uma sinergia harmônica entre ambos quando Deus disse: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne.” (Gn 2;24). Percebe-se que o amor é nítido, e que essa simetria vem reunindo diretivas para a construção e desenvolvimento de uma relação matrimonial saudável.

Diante do exposto observa-se que o homem e a mulher foram projetados para viver em harmonia e cumplicidade, assimilando que já não serão dois, mas uma só carne. Por conseguinte, nas suas decisões não existirão mais o pronome “meu” e “teu”, e sim “nosso”, ou seja, apesar de serem pessoas distintas, terão de aprender a caminhar juntos. É um trabalho árduo, mas possível quando Deus está no centro e no comando de suas vidas, caso contrário, o Criador não teria proposto ao homem e a mulher esse encontro.

A junção de duas pessoas com personalidades diferentes postula muitos desafios, e para que o relacionamento não seja abalado em meio a tantos obstáculos, é necessário pontuar e exercer alguns aspectos, como cumplicidade, harmonia, respeito, diálogo, tolerância, posição e uma boa comunicação. Infelizmente, não é possível que haja uma excelente comunicação entre o casal, pois os seres humanos encontram-se na condição de pecadores e imperfeitos, mas cada com sua individualidade, lutando em conjunto pelo sucesso do matrimônio, podem superar as barreiras erguidas pela transgressão, uma vez que Deus é a base da relação.

“O vínculo conjugal entre um homem e uma mulher precisa de uma convivência harmoniosa, respeito, diálogo, objetivos comuns entre as partes aliançadas” (MALAFAIA, 2012, p.18). O foco no princípio estabelecido reduz as possibilidades de um declínio e fortalece o caminhar em conjunto. Estando de acordo, não haverá divergência, tornando a relação suave e acessível. Como está escrito: “Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?” (Amós 3:3)

Contudo, quando há um distanciamento das regras impostas pelo o Criador, ocorre uma ruptura no projeto de Deus, e assim já não caminham mais em comum

acordo, o que acarreta uma série de problemas. Collins (1995) observa que a origem dos conflitos, do ponto de vista bíblico, é justamente quando o casal se afasta dos princípios bíblicos, os quais são transformados conseqüentemente em problemas conjugais.

O principal fator que ocasionou a degradação das famílias foi o desviar dos princípios e valores, levando-os a desobediência e ao desencadeamento de outros fatores como a inversão de papéis, falta de diálogo e boa comunicação na relação entre o primeiro casal. Uma vez havendo omissão desses fatores, a mulher tomou uma atitude individual, decidindo quebrar uma regra. Em contrapartida, o homem se nega a assumir seu papel de sacerdote e cabeça da mulher. Foi o que aconteceu no Jardim do Éden com Adão e Eva, o primeiro casal. Tudo estava perfeito até a queda de ambos (Gn 3), ali houveram os fatores citados anteriormente, e com o passar dos tempos, isso vem delineando os relacionamentos que fogem do original, quebrando assim a primeira aliança firmada no princípio e a harmonia entre o homem e seu criador.

“Uma aliança é, em primeiro lugar, um pacto, uma associação, um acordo e um enlace. Implica, portanto, a união de duas partes (iguais em dignidade e compromisso, mas distintas nas capacidades) que concorrem para o mesmo fim. Certamente, formam o matrimônio duas pessoas diferentes – homem e mulher – que decidem «aliar-se» para realizarem um projecto em comum propício para os dois” (LÓPEZ GUZMÁN, 2011, 570)

2.3 Cristo restaura a comunhão originária

É preciso entender que em meio a esses declínios do homem, há uma esperança de restauração, e uma nova aliança é feita através de Cristo, que nos ensina a não colocar um alicerce acima de outro (Co 3.11). O relacionamento, no contexto conjugal, não é tão simples, trata-se de duas pessoas com personalidades distintas, vivência em famílias diferentes, cada uma carregando sua bagagem de herança dos pais, coisas que aprenderam ao longo da vida, e quando esses indivíduos decidem se aliançarem, há um ponto muito importante e preciso. Suas bagagens podem ajudar ou atrapalhar o relacionamento. Quando duas pessoas se casam, os passados de ambas também se juntam. E são esses passados que determinam o comportamento de cada um dentro do relacionamento (CARDOSO, 2012).

A partir da junção dos dois, do propósito de se unirem e formarem uma única identidade, uma só carne, conforme está escrito nas Escrituras Sagradas no livro de

Gênesis, são um só corpo no serviço de construírem juntos uma nova família, buscando nas bagagens de ambos exemplos de experiências boas que deram certo para aplicar na relação. Vale salientar que o maior exemplo a seguir como princípio, é o que a bíblia sagrada aponta como base e alicerce, pois sem esses princípios e valores, acarretarão diversos problemas.

3. Diálogo e comunicação do casal

Julga-se que manter uma relação saudável, motivadora e duradoura hoje, dentro do matrimônio, é um desafio gigantesco. O dialogar está cada vez mais ausente, há uma insubmissão e uma suposta liberdade, ou seja, cada um faz o que quer, tomam decisões individuais, sem consultar o parceiro, e já entram no casamento com a ideia de que ele não necessita ser infundável.

Os diagnósticos detectados hoje são bem semelhantes nos relacionamentos conjugais. As indiferenças intoleráveis estão cada vez mais presente nos lares, quando, na verdade, a relação precisa ser regada todos os dias por afeto, tempo e atenção. O matrimônio precisa de um investimento em que os participantes se envolvam, porque não havendo esse depósito, faltarão suprimentos para manter a relação estável. O financeiro será abalado, decisões serão tomadas precipitadamente sem análise das condições, causando um ambiente hostil, no qual os sentimentos se transformarão em ódio, levando ao desrespeito mútuo e até mesmo a violência.

Desta forma, dificilmente acontecerá um diálogo ou uma comunicação saudável, sendo este último ponto a causa basilar de conflitos dentro dos matrimônios. Os casais não estão conectando-se corretamente, e isso faz com que não percebam que antes de cobrarem atenção, afeto e tempo, é preciso ter conhecimento da sua linguagem do amor e a do seu cônjuge, pois assim ambos investirão assertivamente na forma de demonstrar o seu amor um para com o outro.

Usar a linguagem de amor apropriada significa identificar modos práticos e poderosos de demonstrar seu amor ao cônjuge, de maneira que ele sinta-se verdadeiramente amado. O Dr. Gary Chapman, autor do livro 5 linguagens do amor, identificou a existência de 5 maneiras eficientes de comunicar seus sentimentos ao seu parceiro, através de meios pelos quais o cônjuge sente-se amado, são elas: Palavras de

Afirmação, Tempo de qualidade, Recebimento de presentes, Atos de serviço e Toque físico.

Consoante ao reconhecimento das linguagens do amor, pelas dificuldades de compreensão oral, escrita e gestual, há também a necessidade de se estabelecer entre o casal uma comunicação não-violenta. A comunicação não-violenta consiste na concepção de um discurso e de uma audição através de um meio mais consciente, bem como a análise comportamental, para a realização de um diálogo com mais empatia e respeito. Este foi um método criado pelo psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg, afamado por efetivar em âmbito pessoal e também em áreas de grande extensão, uma civilização mais pacífica.

3.1 É possível evitar conflitos no relacionamento conjugal?

No decorrer da nossa vida, passamos muito tempo preparando-nos para marcos importantes como faculdade e carreira profissional, e, infelizmente, às vezes esquecemos de eventos que exigem um certo tipo de preparação: o casamento. Certamente as pessoas não se casam visando o divórcio, mas a falta do conhecimento necessário ao relacionar-se matrimonialmente com alguém pode resultar nesse fim antes indesejado.

Gary Chapman (2011), um pastor batista, conselheiro matrimonial e escritor estadunidense, em seu livro “O que não me contaram sobre casamento mas que você precisa saber” mostra-nos a necessidade de não somente aplicar o que está em suas páginas, mas também a praticar atitudes como estabelecer com o(a) companheiro (a) a exposição dos pensamentos e sentimentos, bem como manter o respeito entre as divergências existentes quanto as opiniões. Gary deixa claro que somente os sentimentos não são suficientes para sustentarem a relação.

O autor lembra que a cerimônia é apenas o primeiro passo, apenas o começo, e em seu livro aborda pontos que são necessários que os indivíduos tenham em mente, quando visarem o casamento, para que certos conflitos possam ser evitados:

1. Estar apaixonado não é uma base adequada para construir um casamento bem-sucedido.

Após anos de casamento, o que parece é que os defeitos tornam-se mais aparentes, mas a verdade é que eles sempre estiveram ali, entretanto, a paixão não permite que os indivíduos estejam atentos a esses “detalhes”. Apesar de a bíblia não citar o namoro em nenhum momento, na contemporaneidade a sociedade está adepta a isso, porém, não da maneira correta – iniciando tal relacionamento sem um certo compromisso. Assim entende-se que:

Um namoro deve ter o propósito de duas pessoas crescerem no relacionamento, tendo em vista o casamento e a formação de uma nova família. Quando então decidem partir para os votos matrimoniais é hora de receberem treinamento para esta nova fase de suas vidas (JANZEN, 2009, p. 7)

Para Chapman (2016) a intenção original do namoro é informar-se um do outro intelectual, social, espiritual e fisicamente, para que assim seja tomada uma decisão comedida sobre o casar-se ou não.

2. O amor romântico tem dois estágios.

Gary explica que o amor possui dois estágios. O primeiro estágio exige pouco esforço pelos indivíduos, pois estes são movidos pela euforia da paixão; o segundo é o que prova que apenas o amor não basta para que a relação seja duradoura, pois é nesse estágio que as pessoas passam a enxergar o que não gostam uma na outra, e é também nele que nota-se a importância do dedicar-se adequadamente a quem se ama.

"Na sabedoria Bíblica, amor é uma decisão de amar o outro ao longo de uma jornada, mesmo sabendo que haverá instabilidades geradas pelos sentimentos." (AGRESTE, 2009 apud LUZ; AUGUST, 2019, p.139).

Cabe destacar o que Chapman (2016) concebe como maneiras pelas quais podemos externar o amor, são elas: palavra de afirmação, qualidade de tempo, receber presentes, formas de servir e toque físico.

Para a evolução do casamento no conhecimento dos dois estágios que o amor possui, é necessário uma investigação de ambos os indivíduos dentro do casamento para que possam descobrir como se sentem amados, e assim receberem e doarem o amor assertivamente.

3. O ditado “tal mãe, tal filha” / “tal pai, tal filho” não é um mito.

O ambiente físico onde crescemos influencia o nosso comportamento, bem como nossa personalidade, sendo assim, somos resultado desse ambiente. Não estamos fadados a sermos parecidos ou termos os mesmos problemas de nossos pais, mas isso não significa que não haja uma probabilidade. Segundo Friesen (2012 *apud* LUZ; AUGUST, 2019, p.140) cada um foi criado em uma família diferente, onde os valores e prioridades podem não ter sido exatamente os mesmos.

Portanto, é válido observar nossos pais, até mesmo seus padrões de comunicação, assim como os pais do cônjuge, pois assim, identificando aquilo que não agrada, é possível aceitar traços ou mediar uma mudança. Possibilitando assim, que o casal chegue a um consenso sobre seus valores e prioridades.

4. Solucionar discordâncias sem brigar.

Conflitos fazem parte de todo relacionamento, e isso, infelizmente, em muitos momentos desperta no casal a ânsia pela separação. As dificuldades que surgem na relação não são uma indicação de que tais pessoas não devem estar juntas, significa apenas que são seres humanos. A maioria dos casamentos passa por desapontamentos e a esperança que havia cede lugar à tristeza, mágoa e raiva (COLLINS, 2004 *apud* LUZ; AUGUST, 2019, p.140).

Na nossa condição de seres desprovidos da perfeição de Deus, vivemos em comunhão com Ele apenas por sua graça, e portanto, estamos condicionados a cometer erros até a volta de Cristo. Relacionando esse pensamento ao de Chapman, é possível concluir que desavenças são comuns no convívio familiar, entretanto o impacto que determinado obstáculo terá em nossa vida depende do modo como lidamos com ele.

Como dito anteriormente, o homem e a mulher, quando se casam tornam-se um, portanto até mesmo em suas discussões devem optar pelo meio-termo, uma vez que ambos devem estar satisfeitos com as escolhas tomadas. Essa é a primeira maneira para a resolução de um conflito. A segunda é ceder, pois no momento em que tomamos a

decisão de dividir a vida com alguém, precisamos ter em mente que uma das regras sociais para uma boa convivência inclui um determinado nível de “insatisfação pessoal” para a satisfação do outro, tomando tal decisão para promover o bem.

Quando estamos estressados, tendemos a dizer coisas que normalmente não diríamos numa circunstância habitual. Somos inclinados a agir conforme nossas emoções, e isso pode nos prejudicar. A terceira maneira para a resolução de um conflito é justamente deixarmos para resolver o conflito em algum outro momento. Algumas pessoas são capazes de solucionar suas questões mesmo quando com raiva, porém outras não são, e esse pode vir a ser uma excelente maneira para sanar acontecimentos conflituosos.

5. Pedir desculpas é um sinal de força.

Na bíblia, o apóstolo João, no primeiro capítulo, versículos 8 e 9, diz: se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele (Deus) é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Seguindo esse contexto, é notório o quanto a bíblia tem a dizer-nos sobre confissão e arrependimento, dois elementos indispensáveis para uma boa convivência. A confissão significa admitir seus erros, e o arrependimento, significa tomar outro caminho que não o erro cometido. Não é possível que exista alguma relação saudável sem esses dois componentes.

4. A importância de um acompanhamento de casais

A família é um presente de Deus (PINHO, 1934), e por isso é nosso dever cuidar desses elos de parentesco. Um indivíduo, para trabalhar sua ansiedade, suas angústias, muitas vezes precisa de um instrutor que o guie por essa estrada difícil, por esse caminho que o levará a alguma realização pessoal em sua personalidade, e o auxiliará em suas relações. Na junção matrimonial não é diferente. Os indivíduos unidos por meio desse laço necessitam de alguém com sabedoria para que os possa guiar através da palavra do Senhor.

É comum que surjam dificuldades em todas as relações após um determinado tempo, pois as pessoas vão conhecendo quem verdadeiramente o outro é, e isso pode agradá-las ou não. No matrimônio isso é mais intenso, pois as pessoas que cresceram em lares distintos e possuem suas bagagens, pertences relacionados ao seu eu, resolvem juntar-se para criar um lar. Com todas as divergências e a maneira inadequada de lidar com elas, os casais podem sentir-se desconectados, e aquela paixão que os fez unir-se, pode deixar de existir.

A intervenção se faz necessária quando os envolvidos reconhecem que precisam de ajuda e a buscam, ou quando o aconselhador percebe que em determinados aspectos é necessário interferir. Entretanto, é válido ressaltar que neste segundo caso, sabe-se que há a chance da eficácia da intervenção ser prejudicada, pois havendo a intromissão de terceiros nos problemas conjugais, é possível que haja uma recusa e uma retração por parte do casal.

Para Sathler-Rosa (2004 *apud* OLIVEIRA; FLEURY, 2013, p.2) “as igrejas e seu corpo pastoral, clérigos e não-clérigos têm em suas mãos a grande oportunidade de exercerem influência positiva e duradora sobre os membros das famílias que participam de sua vida cúlta e da comunidade ao redor”.

Significa dizer que as igrejas por meio do aconselhamento pastoral contribuem para o enfrentamento das crises na vida conjugal. Assim, de acordo com Clinebell (1987 *apud* LUZ; AUGUST, 2019, p.140) “o objetivo do aconselhamento é ajudar a cada casal a co-criar uma relação em que ambos os parceiros sejam capacitados a descobrir e desenvolver o máximo de seus dons como indivíduos, por meios mutuamente profícuos”.

O aconselhamento pastoral é entendido como:

A ação do/a pastor/a, indivíduos cristãos e/ou a própria comunidade que, subsidiados por ferramentas bíblicoteológico-pastorais, além do auxílio da área da psicológica, que juntos, ajudam e provêem ao apoio poimênico³ como: cura, nutrição espiritual e orientações a(s) pessoa(s) e/ou grupo em meio a momentos difíceis, de angústias e/ou crises, com vista a seu desenvolvimento, crescimento e libertação.(OLIVEIRA; FLEURY, 2013, p.2)

É fundamental, no aconselhamento, a compreensão das expectativas criadas pelo casal nesta ação, promovendo melhores intervenções, bem como evitando possíveis frustrações.

Nessa perspectiva “o programa de aconselhamento pastoral a casais oferece suporte valioso para a cura, fortalecimento e libertação dos dramas que rodam a vida matrimonial”. (OLIVEIRA; FLEURY, 2013, p.20). Ou seja, o aconselhamento pastoral irá direcionar os casais a experiências vivências conjugais melhores e saudáveis.

O aconselhamento pastoral é importante em todas as fases do casamento. Muitos dividem uma linha de pensamento que restringe a orientação na convivência do casal somente em casos específicos, como quando estão a beira de um possível divórcio, tratando esse apoio como um meio de resgate do relacionamento, entretanto, tal ato faz-se crucial desde antes mesmo do sim no altar. Quando realizado desde o início da relação, o aconselhamento possibilita que os cônjuges transpassem as barreiras decorrentes da conjunção de dois seres imperfeitos.

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado, fica constatado que os relacionamentos necessitam de moção motivadora para fortalecerem os laços, de forma que aprendam a lidar com as dificuldades e as tempestades que vierem, criando vínculos de amor, amadurecendo e solidificando seu matrimônio.

Vale salientar que sem esse entendimento, a relação corre grandes riscos de fracasso, mas uma vez que o casal compreenda e aceite essa resolução, estarão fortalecidos e servirão de exemplo para a ajuda de outros casais, contribuindo com o bom andamento e sucesso nos relacionamentos conjugais.

O aconselhamento pastoral entra nesse contexto como fator que auxilia na resolução dos problemas conjugais, direcionando os casais para um relacionamento mais amoroso e feliz. Para tanto o aconselhador(a) tem como função identificar as principais fragilidades da vivência conjugal, contribuindo para a superação das crises, promovendo uma vivência matrimonial segundo os planos de Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA (Nova Almeida Atualizada). Tradução de João Ferreira de Almeida.

CHAPMAN, Gary. **As cinco linguagens do amor**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CHAPMAN, Gary. **O que não me contaram sobre casamento mas que você precisa saber**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. Casamento blindado: **o seu casamento à prova de divórcio**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

JANZEN, Ernst W. **Rumo ao altar**: um guia prático para quem vai se casar. 1 ed. Curitiba: Evangélica Esperança, 2009.

LUZ Luana Spenst Rempel da; AUGUST, Fridbert .Aconselhamento Matrimonial. **Rev. Cógno**, Curitiba, v. 1:2, pag. 134-151, Dez/2019. Disponível em: <https://revista.fidelis.edu.br/index.php/cognito/article/view/9> Acessado em 05 de maio 2022.

MALAFAIA, Silas. **Vínculos do amor**. Rio de Janeiro:2012. 160p

Nascimento, M. G. R. (1997). Complementaridade nas Relações de Casal. **Revista Brasileira de Psicodrama**, vol.5, II, 1-8.

OLIVEIRA, Márcio Divino de; FLEURY, Kleyson. Aconselhamento Pastoral Matrimonial: Uma proposta de acompanhamento, enriquecimento e cura a casais em crise. Vox Faifae: **Revista de Teologia da Faculdade FAIFA** Vol. 5 N°1 (2013) Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/63/77> Acessado em 05 de maio 2022.

PINHO, Arnaldo de. Família e projecto de Deus, segundo a «**Familiaris Consortio**». Instituto de Ciências Humanas e Teológicas do Porto, 1982

RIOS, Maria Galvão; GOMES Isabel Cristina. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 26(2) I 215-225, abril – junho 2009.